

**[Apresentação do vencedor do 1.º Prémio – Prémio Internacional de Poesia António Salvado/Cidade de Castelo Branco (3.ª edição, 2023) – poeta José Jorge Letria, com o original “Aviões com Nomes de Poetas”, pelo Dr. Paulo Samuel  
Auditório do Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco  
4 Novembro 2023]**

Distinta audiência

Convidou-me o Dr. José Dias Pires, na qualidade de Presidente da Junta de Freguesia de Castelo Branco – entidade que institui, em 2018 e numa estreita colaboração com a Câmara Municipal, o Prémio Internacional de Poesia António Salvado/Cidade de Castelo Branco – que proferisse algumas palavras neste auditório, a servirem de apresentação do vencedor desta 3.ª edição (2023) do PIPAS, o Poeta José Jorge Letria, que aqui se encontra. Não pôde o Autor estar presente, por ponderáveis motivos, na data da entrega oficial dos Prémios, o que justifica esta sessão particular, que a Organização do Prémio não quis deixar de realizar.

Breves serão, pois, nesta circunstância (inclusive, pelo facto do Dr. José Jorge Letria ter de regressar ainda hoje a Lisboa), tanto mais que sobre o livro distinguido, *Aviões com Nome de Poetas*, cujo original suscitou ao Júri do Premio a atribuição do 1.º lugar em Língua portuguesa, já escrevemos um texto de apreciação crítica, no caderno *Roiz 3 – Lugares de Poesia*, publicado aquando da entrega oficial do Prémio. Foi um convite ao qual não podíamos deixar de corresponder, não só por integrarmos o elenco do Júri do PIPAS, mas também por assumirmos o papel de leitores e mesmo admiradores do ofício poético de José Jorge Letria, cuja obra nos foi dada a conhecer nos anos 80 do século passado por um dilecto amigo, entretanto falecido, o Professor e também Poeta José Augusto Seabra, ao tempo em que pertencíamos à redacção da revista *Nova Renascença*, da qual aquele foi director e incansável dinamizador, criando-a no espírito da “Renascença Portuguesa”.

No geral, importa reter alguns elementos de recorte biográfico, sobretudo no trajecto autoral e de homem de cultura que perfazem o perfil de José Jorge Letria, actualmente “o mais premiado escritor português”.

É autor de cerca de duas centenas de títulos, publicados em vertentes distintas, da literatura de ficção ao teatro, do ensaio à poesia, do excuro biográfico ao conto e ao

registo historiográfico. Com maior projecção na rede das Bibliotecas públicas, o seu nome estampa-se em capas de numerosos livros para a infância e juventude (dito assim, e nunca “literatura infanto-juvenil”). Na poesia portuguesa, é marcante o seu contributo criativo, iniciado nos distantes anos 70 do século anterior. Tenho aqui, neste púlpito, alguns desses livros, já amarelecidos pelo ar do tempo, mas vívidos no seu conteúdo, que não perde actualidade. Aliás, esteve prevista uma mostra da sua bibliografia, caso tivesse sido possível concretizar essa intenção no átrio da Biblioteca Municipal António Salvado, iniciativa que soçobrou por falta de aprazamento. Lembro tão-só alguns desses títulos, na estrita área da poesia, um ou outro certamente familiar à audiência presente neste auditório: *Mágoas Territoriais* (1974), *Navegador Solidário* (1980), *Adivinhação do Azul* (1984), *As Estações do Rosto* (1985), *Carta de Afectos* (1987), *Íntimo das Coisas* (1988), *Os Oficiantes da Luz* (1991), *Oriente da Mágoa* (1992), *A Dúvida Melódica* (1994), *Manuscritos do Mar Vivo* (2000), *Nobre: o Livro da Alma* (2000).

Natural de Cascais (1951), José Jorge Letria tem formação universitária – cursou Direito, História e História da Arte – e uma pós-graduação em Jornalismo Internacional. Professor em diferentes níveis de ensino, tornou-se conhecido nos anos 70-80 pela sua intervenção pública como jornalista e cantautor, dramaturgo e ensaísta, deixando também a sua marca na publicação de jornais e revistas (do *República* e *O Diário*, ao *Jornal de Letras* e *Boca do Inferno*). Ao longo dos anos, colaborou nas mais importantes e conhecidas publicações literárias periódicas portuguesas, como *Vértice*, *Sílex*, *Hífen Nova Renascença*, *Cadernos do Tâmega*, entre outras. É Presidente da SPA (Sociedade Portuguesa de Autores) e foi membro da Direcção da APE (Associação Portuguesa de Editores). Presidente do Comité Europeu do CISAC (Confédération Internationale des Sociétés d’Auteurs et Compositeurs). Membro do Comité Executivo do Writers and Directors Worldwide. Foi Vereador do Pelouro da Cultura, em Cascais, de 1994 a 2002.

José Jorge Letria recebeu, no decurso da sua vida e no percurso da sua criação literária diversos e prestigiados Prémios: dois Grandes Prémios da APE (conto e teatro); Prémio Internacional da UNESCO; Prémio Aula de Poesia de Barcelona; Prémio da Associação Paulista de Críticos de Arte; vários Prémios de literatura, cujos patronos todos conhecem: Garrett, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, Ferreira de Castro, Cesário Verde, José Régio, Camilo Pessanha, José Galeno, Nuno Júdice, e o mais recente António

Salvado, todos atribuídos por entidades diferentes, de reconhecido mérito. Recebeu também a Medalha da Internationale des Arts et des Lettres. Em 1997, foi condecorado pelo Presidente da República com a Ordem da Liberdade. Integra, desde 2017, o Conselho Estratégico da Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias. Em 2013, foi homenageado na Universidade de Coimbra, através de um Colóquio e da edição de uma nova antologia da sua obra em verso, *Poesia escolhida* (Imprensa da Universidade de Coimbra), pois outra fora editada anteriormente, *O Fantasma da Obra*, em 2 volumes, com prefácio de José Augusto Seabra. Alguns dos seus livros estão traduzidos e editados em Línguas estrangeiras.

Tudo isto – e bastante mais – está ao alcance de quem quiser aprofundar o registo biográfico de José Jorge Letria, seja por via das redes e suportes digitais que circulam na internet, seja em páginas ou badanas de livros que Editores diligentes não deixaram de assinalar. Mas isso não basta para quem quiser saber, num outro nível, quem é o Poeta José Jorge Letria. Só a leitura dos seus livros de poesia (ou volumes antológicos) pode facultar o conhecimento da sua natureza mais funda: como humanista, defensor de ideais não meramente colados a ideologias (passe a aparente tautologia), de recriador da palavra na sua significação simbólica e hermenêutica. O recurso a um léxico de elevada conotação e denotação, a imagética colhida nas camadas da memória em alternância com quadros referenciais da cultura clássica e mitográfica, entre outros recursos e cambiantes da sua criação versilibrista, colocam-no num patamar que não será elidido na história das Letras portuguesas.

Num tempo em que as palavras estão gastas – aludimos aqui a expressão de um poeta recentemente celebrado em Castelo Branco, num contexto centenário, Eugénio de Andrade – em que a banalidade é o diapasão do discurso mais propagado nos estratos políticos e mediáticos, a poesia de José Jorge Letria restaura o que à *palavra* é devido como alicerce do reconhecimento de *si*. Esteio único onde se pode firmar o reconhecimento do *outro*. A liberdade, escreveu um poeta cujo centenário da morte se comemora este ano, Guerra Junqueiro, é (citamos) «o corolário do pensamento». A liberdade, de escolha do caminho, da atitude cívica, da afirmação do carácter, do acto poético, caracteriza a obra de José Jorge Letria. Nisso radica o que tornou possível escrevermos alguns parágrafos a propósito de *Aviões com Nomes de Poetas*, nas singelas

páginas do *Roiz – Lugares de poesia III*, a que atrás se fez referência. Um livro cujo conteúdo não deixou indiferentes os membros do Júri, a cujo original, lido sob a reserva do pseudónimo, decidiram outorgar o 1.º Prémio nesta iniciativa concursal que ilustra a Cidade albicastrense.

Permitam-me que leia, para concluir, algumas das últimas linhas que deixámos nessa publicação, acerca deste livro: «*Aviões com Nomes de Poetas*, cujo autor se pode divisar em “retrato inclinado para o grande vazio da vida”, não deixa de acentuar, apesar da sua toada disfórica de perda e desalento, de saudade e reminiscência, que “a escrita é o último lugar antes da morte”. A condição de poeta, que recobre neste particular um homem sábio, é faculdade motriz que permite fazer parar o tempo, para que tudo possa voltar ao princípio, tanto no universo do legado dos afectos familiares como no multiverso das demandas empreendidas para a compreensão do existir. [...] a poesia de José Jorge Letria vem abalar o lugar-comum instaurado, à míngua de já não se saber a dimensão transfiguradora da palavra, vem restaurar o sentido que assiste à formulação poética, reiterar que por entre versos de sombra e de luz se reflecte a diáfana brancura onde tudo pode ser apreendido, mesmo o mistério de não haver mistério na inspiração criatriz. Basta ler *Aviões com Nomes de Poetas*.<sup>1</sup>»

Fico grato pela vossa manifestação de apreço, mas os aplausos são, têm de ser, para José Jorge Letria, Poeta.

---

<sup>1</sup> In “Do ofício e do Poema – *Aviões com Nome de Poetas*, de José Jorge Letria”, inserido em *Roiz – Lugares de Poesia III: Nas margens da Leitura* (p. 9-19). Abertura por Hugo Alexandre Rodrigues. Ilustrações de José Pires. Castelo Branco, 2023.